



**CENTRO DE ESTUDO OCTAVIO DIAS DE OLIVEIRA
FACULDADE UNIAO DE GOYAZES
CURSO DE BIOLOGIA**

**A IMPORTÂNCIA DA INFORMAÇÃO SOBRE O PAPILOMA VÍRUS
HUMANO (HPV) PARA ADOLESCENTES NO PERÍODO ESCOLAR**

**JOELMA BUENO LEMES
LUANA GONÇALVES DE PAULA**

Orientador: Prof. Me .Gláucio Freitas

**TRINDADE-GO
2017**

**CENTRO DE ESTUDO OCTAVIO DIAS DE OLIVEIRA
FACULDADE UNIAO DE GOYAZES
CURSO DE BIOLOGIA**

**A IMPORTÂNCIA DA INFORMAÇÃO SOBRE O PAPILOMA VÍRUS
HUMANO (HPV) PARA ADOLESCENTES NO PERÍODO ESCOLAR**

**JOELMA BUENO LEMES
LUANA GONÇALVES DE PAULA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade União de
Goyazes como requisito parcial à
obtenção do título de licenciado em
Biologia, sob a orientação do Prof.
Gláucio Freitas.

Orientador: Prof. Me. Gláucio Freitas

TRINDADE-GO
2017

JOELMA BUENO LEMES
LUANA GONÇALVES DE PAULA

**A IMPORTÂNCIA DA INFORMAÇÃO SOBRE O PAPILOMA VÍRUS
HUMANO (HPV) PARA ADOLESCENTES NO PERÍODO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de ciências
biológicas da Faculdade União de
Goyazes como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciatura em
Biologia, aprovada pela seguinte banca
examinadora:

Prof. Orientador: Prof. Me. Gláucio Freitas

Faculdade União de Goyazes

Prof.

Faculdade União de Goyazes

Prof.

Faculdade União de Goyazes

Trindade - GO

____/____/ 2017

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	06
2. DESENVOLVIMENTO	08
2.1 Pontuações sobre o HPV – Papiloma Vírus Humano.	08
2.2 A vacinação contra o HPV	10
2.3 A infecção pelo HPV em adolescentes.	12
2.4 A importância do estudo sobre as doenças sexualmente transmissíveis no âmbito escolar	14
3. METODOLOGIA	17
4. RESULTADO E DISCUSSÃO	18
5. CONCLUSÃO	21
6. REFERÊNCIAS	22

A IMPORTÂNCIA DA INFORMAÇÃO SOBRE O PAPILOMA VÍRUS HUMANO (HPV) PARA ADOLESCENTES NO PERÍODO ESCOLAR

Joelma Bueno
Lemes¹ Luana Gonçalves de
Paula² Gláucio Freitas Oliveira
e Silva³

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo discutir acerca da importância da informação do HPV para adolescentes no período escolar, diante exposto foi explanado pontuações sobre o HPV, a importância da vacina, prevenção e a importância do estudo sobre as doenças sexualmente transmissíveis. A origem do presente estudo se deu a partir da problemática: A informação do HPV dentro das escolas poderá diminuir o número de adolescentes infectados por HPV. Uma vez que é na adolescência que o jovem apresenta uma maior vulnerabilidade à infecção. Teve como resultado compreender em profundidade a importância da informação para os adolescentes, dentro do ambiente escolar, sobre os fatores relacionados ao vírus, como ainda discutiu sobre sintomas, transmissão, prevenção dessa doença. Nesse sentido foi realizado um levantamento bibliográfico, a partir de material já publicado, constituído de livros, artigos e material disponibilizado na internet, em bases de dados a respeito da temática. Conclusão, percebe-se a importância de um grande investimento na educação dos jovens para promoção à sua saúde e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis em particular o HPV, sobre segurança e riscos e a importância do uso de preservativo, principalmente entre os adolescentes.

Palavras- Chave: Prevenção. Adolescência. Papilomavirus Humano.

ABSTRACT: The objective of this study was to discuss the importance of HPV information for adolescents during the school period. On the other hand, HPV, the importance of the vaccine, prevention and the importance of the study on sexually transmitted diseases were explained. The origin of the present study came from the problematic: The information of the HPV inside the schools could diminish the number of adolescents infected by HPV. Since it is in adolescence that the young person presents a greater vulnerability to the infection. It has resulted in an in-depth understanding of the importance of information to adolescents within the school environment about virus-related factors, as well as discussing symptoms, transmission, and prevention of this disease. In this sense, a bibliographic survey was carried out, based on material already published, consisting of books, articles and material made available on the Internet, in databases on the subject. Conclusion, the importance of a great investment in the education of young people to promote their health and prevention of sexually transmitted diseases, in particular HPV, on safety and risks, and the importance of the use of condoms, especially among adolescents.

Keywords: Prevention. Adolescence. Human papillomavirus.

1. INTRODUÇÃO

O Papiloma Vírus Humano, (HPV) é causa doença condiloma acuminado, também chamado de verruga genital e crista de galo. Cujas formas de infecção, é a transmissão por relações sexuais, por contato diretamente com a pele infectada, lesões na vagina, no colo do útero, no pênis e ânus, é a principal causa de câncer cervical, e o vírus é conhecido por se espalhar através do contato genital ou oral. Muitas vezes podendo ocorrer nas cordas vocais, esôfago e até mesmo na pele e laringe (STOLER, 2003).

Trabalhar educação sexual dentro das escolas é abrir espaços para discussões e conhecimentos acerca da sexualidade e mudanças físicas e psíquicas dos adolescentes. Para Scherig (2001), é um caminho para a diminuição de doenças sexualmente transmissíveis e até mesmo de uma gravidez indesejável nessa fase da vida, sendo que é na adolescência, que as relações acontecem com um maior número de parceiros, o que contribui para o aumento da ocorrência dessas doenças.

De acordo com Santos (2011), são importantíssimos, que os projetos políticos das escolas, estejam voltados também para a educação sexual, importância dos métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez, o que pode reafirmar a importância dessas como agentes transformadoras de conceitos e promotora de esclarecimentos para promoção da saúde dos adolescentes.

A Lei de Diretrizes e bases da Educação (BRASIL, 1997), aponta que é dever das escolas elaborarem o projeto político pedagógico de acordo com a realidade de cada comunidade, contemplando sua realidade, de acordo com a vivência cultural e social dos discentes. A partir da realidade que as escolas conseguem trabalhar, não apenas a prática escolar como ainda os temas atuais, principalmente acerca da sexualidade. Assim, o Programa Saúde na Escola (PSE) visa à integração e articulação permanente da educação e da saúde, proporcionando melhoria da qualidade de vida dos educandos. O PSE tem como objetivo contribuir para a formação integral dos estudantes por meio de ações de promoção da saúde, de prevenção de doenças e agravos à saúde

e de atenção à saúde, com vistas ao enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento de crianças e jovens da rede pública de ensino.

O que pode levar o aluno a conscientização de uma vida sexual segura, gerando promoção e prevenção a saúde, principalmente relacionada a doenças sexualmente transmissíveis (SILVA, 2004).

Para Cirino (2010), são fundamentais os conhecimentos sobre essa doença na adolescência, uma vez que pode ser a partir desses conhecimentos, que diminuirá as concepções errôneas, pois são essas concepções que muitas vezes interferem de forma negativa no comportamento do adolescente portador do vírus, como também das pessoas que convivem com o mesmo. Uma vez que junto com a grandeza do problema da infecção por HPV, está o desconhecimento sobre o próprio vírus, os sinais e sintomas da infecção, sua relação com o câncer cervical e as formas de transmissão.

As vacinas são também muito eficazes na prevenção da infecção por este vírus, principalmente quando administradas no início da vida sexual. A partir de agora, essa imunização será oferecida a meninos de 11 a 15 anos incompletos. Desde janeiro, a vacina em questão passou ser disponibilizada no Sistema Único de Saúde (SUS) para meninos de 12 a 13 anos. Até então, era aplicada somente em meninas com menos de 15 anos. O Programa Nacional de Imunizações (PNI) do Brasil já erradicou, por meio da vacinação, doenças de alcance mundial (INCA, 2016).

A população brasileira tem acesso gratuito a todas as vacinas recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2016). Contudo, a política de vacinação deve ser determinada em cada país e levar em consideração a dimensão da doença, estrutura dos sistemas de saúde, capacidade de iniciar e manter um programa de vacinação, acessibilidade e a relação custo-efetividade comparativamente ao rastreamento (INCA, 2016).

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Pontuações sobre o HPV – Papiloma Vírus Humano

De acordo com De Villiers et al (2004) o HPV é do membro da família conhecida como papovavirida, que atacam o epitélio dos animais e humanos e acabam infectando o mesmo, cabe destacar que atualmente foram identificados cerca de 100 tipos desse vírus acometidos no ser humano, e dentre desses 100 é possível apontar que 50 atingem a mucosa do aparelho genital.

O HPV é não envelopado, ou seja, seu material genético é constituído por uma molécula de DNA ou ADN em português é a sigla para ácido desoxirribonucleico, com aproximadamente 8.000 bases pareadas (BURD, 2003). O HPV poderá ter uma interação com a célula que já foi infectada e pode gerar assim, uma infecção produtiva ou muitas vezes não produtiva (PASSOS et al., 2011). Essa infecção é conhecida como produtiva é caracterizada pela produção de algumas substâncias do vírus que estimula a mitose e assim resultam em lesões consideradas benignas. Para Burd (2003, p. 123):

Na infecção não produtiva, o vírus ao infectar a camada germinativa tem o seu material genético integrado ao material genético da célula infectada, esta integração leva a uma supressão funcional no gene de regulação viral E2, responsável pela repressão de oncoproteínas do HPV, que agora passam a ser expressas.

É sabido que ocorrem muitas manifestações clínicas acometidas pelo HPV, portanto essas podem ser classificadas como verrugas cutâneas ou mucosas, que se encontram na parte genital do ser humano. Contudo, para Passos et al, (2008) elas ainda podem ser consideradas como latentes que podem gerar na pele ou na mucosas lesões conhecidas crista de galo ou condiloma.

Brentjens (2010, p. 45) aponta que:

O referido vírus HPV muitas vezes está frequentemente relacionado ao desenvolvimento de neoplasias intraepiteliais cervical (NIC), neoplasia intra-epitelial de vulva (NIV), neoplasia intra-epitelial de ânus (NIA), neoplasia intra-epitelial de vagina (NIVa) e neoplasia intra-epitelial de pênis (NIP).

De acordo com o Ministério da Saúde (2016), o diagnóstico referente à infecção por HPV, e o mais indicado é exame citopatológico papanicolaou, onde por sua vez deve ser realizado como instrumento de triagem de pacientes infectados por HPV. Para se ter um diagnóstico completamente definitivo acerca da infecção do papiloma é necessário ainda que sejam realizados exames de laboratórios especificados para detectar a presença do DNA do vírus, como ainda os testes de hibridização molecular, reação de polimerase em cadeia (PCR) e captura híbrida (BRASIL, 2009). Para Nicolau (2010) esse referido diagnóstico necessitam de técnicas para a realização do mesmo, o que pode ser levado em consideração, os dados da história da pessoa possivelmente infectada, como os exames físicos e complementares.

O exame citopatológico detecta outros processos infecciosos e não apenas os tipos de infecções causadas pelo HPV, nem o tipo viral causador do processo infeccioso. Trata-se de um exame fundamental para o diagnóstico precoce do câncer cervical e/ou alterações pré-cancerígenas, inclusive, as cérvix relacionadas ao HPV. A citologia ajuda a diferenciar as células infectadas pelo vírus e permite classificar o grau da lesão e o seu nível de invasão. Quando diagnosticada a Neoplasia Intra Epitélio Cervical – NIC, dos tipos: NIC II ou NIC III existe a recomendação de realizar exames mais específicos como a colposcopia e a histopatologia (Brasil, 2009). É destacada pelo Ministério da Saúde (2016), que o principal objetivo é a remoção das verrugas, e esse tratamento ainda é influenciado pelo tamanho e local da lesão.

Os agentes patogênicos são organismos microscópicos que causam ou podem causar doenças. Os agentes patogênicos podem ser transmitidos direta ou indiretamente. A transmissão direta envolve a disseminação de agentes patogênicos pelo contato direto do corpo com corpo. Outros tipos de contato direto através dos quais os agentes patogênicos podem se espalhar incluem toque, beijos (vírus da herpes) e contato sexual (HPV) NICOLAU (2010).

Segundo a OMS, mais de 630 milhões de homens e mulheres estão infectadas pelo HPV. Para o Brasil, estima-se que haja 9 a 10 milhões de infectados por esse vírus e que, a cada ano, 700 mil casos novos surgem.

Cerca de 105 milhões de pessoas são positivas para o HPV 16 ou 18 no mundo (INCA, 2016). As maiores prevalências da infecção são em mulheres mais jovens e diminuem com o grupo da meia idade, havendo após os 50- 60 anos, exceto na Ásia. Essa mesma tendência é demonstrada nos dados da OMS (2016). Em relação aos homens, mostrou-se que a prevalência da infecção HPV no homem varia de 3,5 a 45% para todos os tipos e 2,3 a 34,8% para os HPV de alto risco. No Brasil, a prevalência varia de 35 a 72%^{26, 27}, sendo os HPV de alto risco responsáveis por 25 a 56%. Os dados globais, entretanto, demonstram que a prevalência de infecção HPV em homens (7,9%) é mais baixa que em mulheres (17,9%), provavelmente em função do tecido peniano ser menos receptivo ao HPV do que o genital feminino Ministério da Saúde (2016).

Estudos têm relatado uma média de incidência cumulativa de 40% de pessoas infectadas ou mais, após 3 anos, chegando a 60% em 5 anos. Mundialmente, estima-se 32 milhões de casos novos de verrugas genitais a cada ano (Brasil, em torno de 1,9 milhão/ano). Como acontece com a prevalência, a incidência da infecção HPV é alta em mulheres jovens no início da atividade sexual a cada novo parceiro e diminui com a idade, observando-se também segundo pico em mulheres mais velhas. (OMS, 2016).

Naud et al. (2012) as taxas de incidência da infecção pelo HPV podem alcançar cerca de 30% a 40% em pacientes abaixo de 20 anos; depois dos 35 anos, a prevalência diminui para cerca de 10% e a infecção pelo HPV de alto risco para cerca de 5%; enquanto a infecção pelo HPV diminui com a idade, a incidência de câncer cervical aumenta. Na população em geral, a prevalência da infecção pelo HPV está entre 0,5% a 2,5% com múltiplas variações regionais (BRINGHENTI et al., 2013).

2.2 A vacinação contra o HPV

A vacina contra o HPV foi criada em 2006, na Austrália, contudo, desde seu lançamento, mais de 170 milhões de doses foram aplicadas no mundo, principalmente em seu país de origem, América do Norte e Europa e está mais voltada aos adolescentes porque os anticorpos reagem melhor no

organismo destes, fazendo com que a chance de contrair e de combater o vírus seja mais eficaz. A vacina é disponibilizada em três doses. Com a primeira vacina tomada, a segunda deve ser aplicada no intervalo de 6 meses, pois serve como garantia contra o HPV e a terceira dose deve ser aplicada no intervalo de 5 anos, para reforçar a duração da imunidade. A vacina é oferecida gratuitamente no Sistema Único de Saúde/SUS (INCA, 2016).

A medida se torna ainda mais importante com a divulgação recente (do dia 27 de novembro de 2017) de que mais da metade dos jovens brasileiros entre 16 e 25 anos possuem algum tipo de HPV. E, em 38,4% deles, tratam-se do subtipos de alto risco, maiores associados a câncer. A meta estipulada para 2017 é vacinar 80% das 7,1 milhões de crianças brasileiras do sexo masculino nessa faixa etária, a fim de protegê-las, inclusive, dos cânceres de pênis, garganta e ânus, diretamente ligados ao HPV. Para atingir esse objetivo, o Ministério da Saúde promoverá campanhas e intensificará os mutirões de vacinação nas escolas OMS (2017).

De acordo com o Ministério da Saúde, 5,5 milhões de meninas entre 9 e 14 anos de idade estão com o esquema vacinal incompleto. O apoio do Ministério de Educação e Cultura/MEC, junto com a atuação direta e efetiva das prefeituras, pretende reforçar a adesão e conseqüente a redução futura de casos de câncer de colo de útero, o terceiro tipo mais comum em mulheres e a causa de muitas mortes. A parceria entre os dois ministérios integra o programa Saúde na Escola, de ações integradas que incluem outras campanhas, como a de vacinação contra a meningite C entre adolescentes de 12 a 13 anos. Esta terá igual reforço por parte do MEC (2016).

Devido à falta de prevenção da população, foi necessário desenvolver as vacinas contra o vírus HPV, pois sabendo que diante de tantas doenças infecciosas, é notório que a imunização é a forma mais cabível e eficaz para o controle da doença. Uma vez que a mesma é considerada como a segunda causa de mortes por neoplasias entre as mulheres brasileiras (BRASIL, 2013).

Caso a vacina seja associada aos rastreamentos do câncer do colo do útero, e as realizações de exames tanto citopatológico quanto colposcopia, será possível ter um controle da doença causadora desse tanto de mortes

citadas (BRASIL, 2014). A vacina não significa proteção contra as Infecção Sexualmente Transmissíveis (IST), sendo que o uso de preservativo é fundamental nas relações sexuais.

Foram desenvolvidos dois tipos de vacinas de evidências para proteção e indicadas para pessoas que não tiveram contato com o vírus HPV. A vacina profilática, que é uma vacina contra o vírus exclusiva para prevenir o vírus HPV, com o objetivo de reduzir a infecção e assim as incidências do câncer do colo de útero (GIRALDO et al., 2008). E a outra a vacina terapêutica, usada para eliminar infecções existentes.

Na prevenção do câncer do colo do útero, as vacinas profiláticas, seriam utilizadas para reduzir a fração da população susceptível à infecção, e iriam interferir na incidência do carcinoma. Já as vacinas terapêuticas poderiam modificar a história natural da doença e auxiliar no tratamento da população já infectada ou mesmo com câncer. As vacinas contra o HPV limitam as infecções pelo vírus, sendo considerados instrumentos de prevenções primárias ou terapêuticas, quando induzem a regressão de lesões precursoras e a remissão do câncer (GIRALDO et al., 2008).

As vacinas tem o papel de induzir a regressão das lesões pré-cancerosas e remissão do câncer invasivo (Lowy, 2008; Bubenik, 2008), estimulando a resposta imune celular, sensibilizando as células imunocompetentes para atuar no combate da infecção viral.

2.3 A infecção pelo HPV em adolescentes

Para Queiroz (2003) o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) de 1990 no Brasil, fica estabelecido que são considerados adolescentes, pessoas entre a faixa etária de 12 a 18 anos de idade. Contudo, para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000), são considerados jovens pessoas que estão na faixa etária de 15 aos 24 anos de idade.

A organização Mundial de Saúde (OMS) adota que este espaço cronológico, situa-se dos 10 aos 19 anos da vida humana. Este merece especial atenção, porque é marco do real desprendimento do adolescente do seu núcleo familiar.

Os adolescentes são considerados vulneráveis a infecção pelo HPV, uma vez que outros fatores, de alguma forma ainda estão associados a esse vírus, como o, hábito de fumar, o uso de método anticoncepcional e infecção genital (MURTA et al., 2001).

Para Silva (2005) e Cirino et al (2010), os adolescentes são formadores da classe vulnerável da população, para contaminação por HPV uma vez que quando iniciam a vida sexual, mesmo sabendo que a maior incidência de câncer de colo uterino seja entre 25 e 60 anos Cirino et al, (2010) ressaltam que a maioria dos adolescentes, não utilizam métodos contraceptivos nas suas primeiras relações sexuais, o que facilita a contaminação por HPV, logo no início de sua vida sexual.

Para Murta et al. (2011) o comportamento de fumar foi considerado um grande incidente e permanência da infecção pelo HPV, no qual mulheres fumantes podem apresentar essa maior incidência que as não fumantes, ou seja esse hábito pode ser considerado como um fator de suma importância nas infecções por HPV na adolescência. Podendo ainda, essa infecção está relacionada ao fumo, devido à imunossupressão que facilita a infecção viral.

Cavalcanti et al. (2010), ainda enfatiza que as mulheres fumantes apresentam um risco maior de desenvolver o câncer cervical por HPV, uma vez que isso provavelmente se dá devido os componentes que são presentes nos cigarros.

Já em relação ao uso de anticoncepcional, foi estabelecido por Murta et al. (2010) que a infecção por HPV pode esta relacionada, a maior liberdade sexual, e muitas vezes ao maior número de parceiros. O que nota-se é que o início da vida sexual precoce e também as conotações do sexo apontam a questão de gênero como ponto para a vulnerabilidade diante das DSTs (BESERRA, 2013).

Além dos fatores citados anteriormente é importante ressaltar que as mulheres adolescentes e jovens estão mais predispostas a infecções tanto por HPV como por outros agentes patológicos, em função da imaturidade biológica da cérvix uterina e da exposição do epitélio colunar da endocérvice (MURTA et al., 2001).

De acordo com a última estimativa mundial em 2016, essa neoplasia foi responsável por de 265 mil óbitos em mulheres em 2012, sendo que 87% desses óbitos ocorreram em países em desenvolvimento. No Brasil, em 2016, foram esperados 16.340 casos novos, com um risco estimado de 15,85 casos a cada 100 mil mulheres. É a terceira localização primária de incidência e de mortalidade por câncer em mulheres no país, excluído pele não melanoma. (INCA, 2016). Em 2013, ocorreram 5.430 óbitos por esta neoplasia, representando uma taxa de mortalidade ajustada para a população mundial de 4,86 óbitos para cada 100 mil mulheres (BRASIL, 2013, 2014).

2.4 A importância do estudo sobre as doenças sexualmente transmissíveis no âmbito escolar

De acordo com Santos (2011) percebe-se que os jovens estão com a vida sexual mais ativa, e a cada dia estão mais expostos a contraírem doenças, pois segundo o Ministério da Saúde (2014) essas doenças são causadas por vários fatores, além de serem transmitidas principalmente em grande maioria pelo contato sexual, com uma pessoa que esteja infectada e, geralmente, sem o uso de preservativos, onde os sintomas se manifestam por meio de feridas, corrimentos, bolhas ou verrugas.

É absolutamente necessária a atuação da escola na informação sobre sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis principalmente sobre o HPV, para minimizar os fatores de riscos mediante orientações pertinentes à realidade dos jovens, como, também, capacitá-los para o amadurecimento da cidadania. Transmitir informações para os adolescentes sobre as doenças provenientes do HPV, assim como alertar a importância dos métodos de prevenção contra o vírus e tirar dúvidas relacionadas ao tema, pretende-se que além de adquirir conhecimento sobre o HPV, saibam também seus riscos e a relevância de se prevenir (ROVERATTI, 2014).

Na visão de Cirino et al (2010) com as mudanças tecnológicas e o avanço da medicina, com o tempo, as pesquisas foram se modificando e foram identificados micro-organismos que se relacionavam a tais doenças, com o surgimento do HPV, as ISTs passaram a ter prioridade na esfera de Saúde

Pública, onde foi percebido que a importância da preservação e transmissão era uma linha estreita.

Assim, é fundamental, trabalhar nas escolas essas informações, e devem fazer parte dos planos políticos pedagógicos, conteúdos que abrangem temas sobre a orientação sexual, pois é uma forma de trabalhar com a realidade da comunidade e dos bairros, e também porque existe essa necessidade de discutir com jovens, que estão nesse período da adolescência, curiosos, sobre tais assuntos (SANTOS, 2011). Contudo, é notório que trabalhar temas acerca da sexualidade humana, é algo que inquieta tanto os educadores como ainda os jovens, e muitas vezes esses temas é recusado dentro desse âmbito escolar (PAIVA, 2001).

Assim sendo faz-se necessário ampliar as discussões sobre a informação sexual, pois muitas vezes, a mesma é feita apenas nas aulas de biologias e ciências, no qual os apontamentos muitas vezes são voltados apenas para anatomia e fisiologia do corpo humano. Mesmo com essas esquivas e fugas para discutir sexualidade, em sala de aula tais abordagens não despertam a curiosidade a ansiedade nem o interesse dos adolescentes, pois a ênfase é apenas o corpo biológico, não abrangendo o contexto mais amplo do tema sexualidade (BRASIL, 1997).

A educação sexual no âmbito escolar deve abrir leques para informações, tanto sobre sexo como ainda sexualidade, para que as mudanças psíquicas e no corpo sejam compreendidas, o que pode garantir uma igualdade e entendimento entre meninas e meninos. E diminuir a ocorrência de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada nesta faixa etária (SCHERING, 2001).

Camargo e Ferrari (2009) afirmam que em se tratando de adolescentes, no âmbito das políticas públicas de saúde, esses são muitos vulneráveis, pois estão em uma fase de transformações tanto biológicas, sociais e psicológicas e infelizmente não acreditam que as consequências causadas por sexo sem preservação não vão acontecer com eles.

Para Paiva (2001, p. 33):

Mesmo sabendo, das dificuldades e barreiras encontrada em sala de aula, muitos profissionais não se sentem preparados para abordar tal assunto, contudo, até mesmo os pais muitas vezes não admitem que

esses temas sejam discutidos em seus lares e assuntos sobre sexo, gravidez e ISTs é necessário e fundamental para a prevenção e conhecimento sobre o que nos cerca.

Além dos livros, as revistas o rádio e a internet, surgem, para discutirem esses temas, uma vez que os professores seriam as pessoas mais indicadas para tratarem desses assuntos, por terem mais facilidade de propor debates e diálogos, permitindo que seus alunos exponham seus sentimentos, dúvidas e ansiedade (SANTOS, 2011).

Cirino (2010) vale lembrar que muitos adolescentes saem para estudar em outras cidades, começam a trabalhar e conviver a maior do tempo com seu grupo, o que pode fantasiar uma posição de independência e sabedoria exagerada. Este sentimento de onipotência esbarra, no entanto, com a necessidade da proteção familiar. O adolescente não é mais criança mas também não é adulto.

A prevenção baseia-se primeiramente no conhecimento das formas de contágio, cabendo à pessoa a consciência de saber se proteger. Quanto à via do contágio sexual deve-se ressaltar que a única maneira absoluta de prevenir a transmissão é através da abstinência sexual isto é o ato voluntário ou involuntário de abster-se parcialmente ou completamente de relações sexuais vaginal, oral, anal ou na forma de masturbação envolvendo dois ou mais indivíduos. Em um relacionamento que se estabeleça entre duas pessoas deve-se sempre levar em conta a possibilidade de que uma delas possa estar contaminada pelo HPV (SILVA, et al 2005). É imprescindível pelo Ministério da Saúde a opção pelo ato sexual, com o uso correto dos preservativos (camisinhas), sejam masculinos ou femininos, quando a abstinência não for possível.

Deve-se procurar por atendimento médico, para que este faça o diagnóstico correto e indique o tratamento específico e eficaz. Já a prevenção consiste em evitar a multiplicidade de parceiros sexuais, evitar a promiscuidade sexual e usar preservativos, durante a relação sexual e medidas de higiene, tais como cautela em sanitários público e não compartilhando peças íntimas (SCHERING, 2011).

3. METODOLOGIA

Esta é possibilitou a apresentação de quadros de referências, necessários para a movimentação do presente tema contou-se com autores de conhecimentos críticos sobre o assunto.

Dessa forma, foram feitas pesquisas a partir de material já publicado, constituído de livros, artigos e material disponibilizado na internet, o que tornou possível alcançar pontos de vista de vários estudiosos no assunto, e ao processo metodológico histórico, já que foi feito uma abordagem histórica do tema em comento.

O presente trabalho utilizou-se ainda de um banco de dados contendo informações para essa pesquisa bibliográfica, e foram utilizados diversos materiais para elaboração da mesma, a partir de informações contidas no Google periódico acadêmico, Scielo, Pubmed e revistas virtuais especializadas, nacionais e internacionais, Ministério da Saúde e Educação.

Os critérios de inclusão para esta revisão foram: os artigos mais citados em estudo abordando HPV pelo caráter inédito das informações e relevâncias, a partir de buscas por informações foram analisados 23 artigos relacionados, utilizando os descritores que abordasse tais temas, coletadas todas as matérias publicadas desde 1996 até a atualidade. Assim, foram excluídos artigos que continham informações desatualizadas.

Os idiomas adotados foram português e inglês, tipo de publicação artigo de revista científica limitando-se a trabalhos completos disponíveis, monografia, dissertações e teses, chegando a um resultado pontual sobre essa temática.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para Sayão (1997), o trabalho de orientação sexual e prevenção as doenças sexualmente transmissíveis nas escolas, são contextos que são fundamentais para os conhecimentos dos adolescentes, uma vez, que é papel das escolas ampliarem esses conhecimentos em direção as diversidades de valores existentes na sociedade, para que os alunos possam, ao discuti-las, opinarem sobre o que lhes foram ou são apresentados.

Os resultados do presente estudo mostram que existem um grande número de adolescentes aproximadamente 60% iniciam a atividade sexual precocemente, e infelizmente, não é reforçada a importância do sexo seguro, o que favorece a contaminação pelo HPV, como também as ocorrências das mais variadas ISTs. Assim, pode-se considerar que estão expostos a fatores de risco importantes para o contágio do HPV e de outras ISTs, além da possibilidade de ocorrência de gestações indesejadas.

De acordo com os trabalhos analisados foi possível observar em sua maioria que com as mudanças que vem ocorrendo sobre o perfil das infecções sexualmente transmissíveis, as mesmas vêm se tornando um problema de Saúde Pública, tanto pela suas incidências, prevalências, consequências e complicações.

Em se tratando, especialmente sobre o conhecimento dos alunos a respeito do vírus (HPV), nota-se que o conhecimento dos alunos sobre a referida doença é necessário, principalmente no âmbito escolar, onde evidencia que é um local da vida do jovem de grande significado, sendo a primeira instituição a manter contato eminentemente coletivo, que proporciona ao adolescente a experimentação da formação da sua identidade (SAYÃO,1997).

Na maioria dos estudos analisados notou-se que os conhecimentos dos adolescentes sobre o HPV, ainda são negativos, uma vez apresentam barreiras, pois não é dialogado sobre o mesmo em casa, assim nota-se a importância dessas informações sobre o HPV dentro do âmbito escolar.

Para Dotta et al. (2000) existe um estímulo da mídia para que este início seja precoce, e nem sempre é reforçada a importância do sexo seguro, o

que favorece a contaminação pelo HPV, ocorrência das mais variadas DSTs e, posteriormente, o câncer de colo de útero.

Atualmente os adolescentes estão iniciando a vida sexual muito cedo, a partir **dos 13 anos** e esse início precoce, trás a preocupação para a divulgação das informações, de sexo com segurança e da contaminação das doenças sexualmente transmissíveis. Sabendo das consequências da contaminação pelo HPV, e da falta de informação e preservação dos adolescentes, muitos desses indivíduos estão expostos aos fatores de riscos, importantes para o contágio com o vírus.

A falta de comunicação com a família e a falta de preparo dos pais para orientá-los a terem uma conversa aberta com os filhos, acabam influenciando as atitudes dos adolescentes que, muitas vezes, buscam nos amigos e em outras fontes informações que podem não ser fidedignas, baseadas em crenças e falta de conhecimentos, que confundem e não ajudam no processo de prevenção e educação em relação ao HPV e a outras ISTs.

Diante exposto, a vacina contra HPV, é considerada um avanço contra a prevenção. Entretanto, é necessário investimento em saúde em longo prazo, pois essa é considerada um grande avanço da ciência e não substitui os modelos preventivos adotados até agora para o controle das ISTs.

Diante da grande necessidade de programas de educação sexual para os adolescentes, sobre sexo com segurança, riscos e importância do uso de preservativo.

O acesso à informação de boa qualidade e a disponibilidade de alternativas contraceptivas são aspectos fundamentais nos programas de planejamento familiar, destinados não apenas aos adolescentes, mas à população em geral. Por meio de uma parceria entre os Ministérios da Saúde e Educação, profissionais das equipes da Saúde da Família tornaram-se parceiros dos professores da rede pública e levaram para as salas de aulas conteúdos de saúde sexual e reprodutiva (SANTOS, 2011).

Segundo Sayão (1997), o trabalho de orientação sexual desenvolvido pela escola diferencia-se da abordagem assistemática realizada pela família, e mostra o quanto é relevante para os adolescentes o acesso às informações sobre orientação sexual de forma natural.

A educação e a escola têm papel fundamental na construção de processos democráticos na sociedade, buscando alcançar a cidadania total. Trata-se de uma questão que deve-se aprender e praticar, a fim de que a escola tenha como prioridade a realização de ações que contribuam na formação dos adolescentes, como um todo, incluindo a sexualidade, conscientizando-os sobre os aspectos e os processos de amadurecimento (SANTOS, 2011).

5. CONCLUSÃO

Fica evidenciada a importância de um grande investimento na educação dos jovens para promoção à sua saúde e prevenção de doenças, em particular, as DSTs, com destaque para o HPV. Pois, de acordo com os trabalhos analisados, foi percebido que os adolescentes não têm conhecimentos sobre os sinais e sintomas e sobre a relação do HPV com o câncer de colo de útero, e até mesmo o significado da sigla HPV ou o que ele pode causar e as formas de transmissão do vírus.

Há uma necessidade de manter os adolescentes informados sobre os conhecimentos de prevenção, através de palestras, atividades reflexivas, na grade curricular, como também das consequências da contaminação pelo HPV e de orientar a população sobre os riscos de adquirir o vírus.

É papel da família do governo e da escola, educá-los acerca das campanhas informativas, na formação dos adolescentes, no sentido de educá-los para atitudes responsáveis no exercício de sua sexualidade, protegendo-os contra danos à sua saúde física e mental e, neste caso, em especial, evitando que se contaminem com o HPV, ou outras DSTs e evitar gravidez não planejada. Como ainda adesão das jovens à vacinação contra o HPV.

Assim, relevante que os adolescentes tenham acesso às informações sobre orientação sexual de forma natural, o que é necessário trabalhar ainda sobre os mitos, valores e crenças de forma compreensiva e consciente, pois a escola é a principal fonte para repassar essas informações de maneira correta. É necessário discutir, e refletir em torno dos temas como saúde preventiva e principalmente sobre cuidados e conhecimentos das doenças sexualmente transmissíveis.

O objetivo geral do presente estudo foi propagar as informações sobre o HPV, e sua profilaxia, com ênfase na relevância da informação para os adolescentes, dentro do ambiente escolar. Os objetivos específicos discutiu acerca da importância da vacina e sobre os conhecimentos do (HPV); Conheceu sobre a prevenção dessa doença na adolescência, principalmente no período escolar; Discutiu sobre os conhecimentos e informações da saúde,

uma vez que, esse tipo de abordagem, pode representar um mecanismo de prevenção de ocorrência da infecção pelo vírus na adolescência.

6. REFERÊNCIAS

BESERRA EP, Araújo MFM, Barroso MGT. **Promoção da saúde em doenças transmissíveis - uma investigação em adolescentes**. Acta Paul de Enferm 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetro Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, v.1, 2016.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico AIDS 2013**. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/aids-nobrasil>> . Acesso em Mai/2017.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Coordenação Geral do Programa Nacional de Imunizações. **Informe Técnico sobre a Vacina Papilomavírus Humano -HPV na Atenção Básica**. Brasília; 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer (INCA). **Estimativas 2008-2009**: incidência do Câncer no Brasil. Rio de Janeiro (Brasil): INCA, 2008. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/estimativa/2008>. Acesso em: 23 de Maio de 2017.

BURD, E. M. Human papillomavirus and cervical cancer. **Clinical Microbiology Reviews**, v. 16, n. 1, p. 1-7, 2003.

BRENTJENS, M. H.; YEUNG-YUE, K. A.; LEE, P. C. et al. Human papillomavirus: a review. **Dermatol Clin**, v. 20, p. 315-331, 2010.

BRINGHENTI, M. E. Z. et al. **HPV na gênese de lesões cérvico-uterinas- Métodos diagnósticos (Citopatologia – Tipagem viral)**. Revista Brasileira de Análises Clínicas, v. 33, n. 3, p. 117-120, 2013.

CAMARGO, E. Á. L.; FERRARI, R. A. P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciênc. saúde coletiva [online]**. v.14, n.3, p. 937-946, 2009. ISSN 1413-8123. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232009000300030>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

CAVALCANTI, S. M.; ZARDO, L. G.; PASSOS, M. R. et al. Epidemiological aspects of human papillomavirus infection and cervical cancer in Brazil. **Journal Infect**, v. 40, n. 1, p. 80-7, 2011.

CIRINO, F. M. S. B.; NICHATA, L. Y. I.; BORGES, A. L. V. Conhecimento, atitude, práticas na prevenção do câncer. **Esc Anna Nery Rev Enferm**, 14 (1): 126-34, 2010.

CIRINO, F. M. S. B.; NICHATA, L. Y. I.; BORGES, A. L. V. **Conhecimento, atitude e práticas na prevenção do câncer do colo uterino e HPV em adolescentes**. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 126-134, 2010.

DE VILLIERS, E. M.; FAUQUET, C.; BROKER, T. R. et al. Classification of papillomaviruses. **Virology**, v. 1, n. 324, p. 17-27, 2004

DOTTA, R. M.; ALVES, P. B.; KOLLER, S. H.; BRITTO, R. C. **Sexualidade, AIDS e drogas: um relato de intervenção com adolescentes**. Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 35-44, 2000.

GIRALDO, P. C.; SILVA, M. J. P. M. A.; FEDRIZZI, E. N. et al. Prevenção da infecção por HPV e lesões associadas com o uso de vacinas. **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, v. 20, n. 2, p. 132-140, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - **IBGE**. Censo Demográfico 2000. Acesso em: 17 de junho de 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (Brasil). **Estimativa 2016. Incidência do Câncer no Brasil**. Rio de Janeiro: INCA, 2016.

LOWY, D. R.; FRAZER, I. H. Prophylactic human papillomavirus vaccines. **Journal Natl Cancer Inst Monogr**, v. 71, p. 111-6, 2008.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). **Departamento de Atenção Básica. Cadernos de Atenção Básica. HIV/aids, Hepatites e outras DST**. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2014.

MURTA, E. F. C; SOUZA, M. A. H.; LOMBARDI, W. *et al.* Aspectos epidemiológicos da infecção pelo papilomavírus humano. **Jornal Brasileiro de Ginecologia**, v. 107, p. 95-9, 2010.

NICOLAU, S. M. **Papilomavírus humano (HPV): diagnóstico e tratamento**. 2010. Disponível em: <<http://www.projetodiretrizes.org.br/projeto-diretrizes/079.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2017.

NAUD, P. et al. **Infecção pelo papiloma vírus humano (HPV)**. Revista HCPA, v.20, n.2, p. 138-142, ago. 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Administração da OMS**. Disponível em: . Acesso em: 17. Ago. 2017.

PAIVA, Manoel Francisco. **DST - Doenças Sexualmente Transmissíveis**: São Paulo: Cid Editora, 2001.

PASSOS, M. R. L.; ALMEIDA, G.; GIRALDO, P. C. *et al.* Papilomavirose humana em genital, Parte I. **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, v. 20, n. 2, p. 108-124, 2011.

QUEIROZ, Ari Ferreira. **Direito da Criança e do Adolescente**. 5° Ed. São Paulo: Jurídica, 2003.

ROVERATTI, Dr. Dagmar. **Guia da sexualidade**. São Paulo, 2014

SAYÃO, Y. **Orientação Sexual na escola: os territórios possíveis e necessários**. São Paulo: Summus, 2010.

SANTOS, G. R. dos. **Orientação Sexual para Adolescentes no Âmbito Escolar**. Monografia conclusão de curso. Brasília, 2011.

SCHERING, M. Fundação Roberto. Sexualidade, prazer em conhecer. São Paulo: Schering, FRM, 2001.

SILVA, M. S; SILVA, M. R. da; ALVES, M. de F. P. **Sexualidade e adolescência: é preciso vencer os tabus**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2.-12 a 15 de setembro de 2004, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte, 2004.

SILVA, P.; OLIVEIRA, M. D. S.; MATOS, M. A. *et al.* Comportamento de risco para as doenças sexualmente transmissíveis em adolescentes escolares de baixa renda. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 7, n. 2, p. 185-9, 2005.

STOLER, M. H. Human papillomavirus biology and cervical neoplasia: implications for diagnostic criteria and testing. **Arch Pathol Lab Med**. 127 (8): 935-9, 2003.